

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS – MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA – ANÁLISE E RESUMO
PROFESSOR SINVAS

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA – O AUTOR

Manuel Antônio de Almeida nasceu no Rio de Janeiro em 17 de novembro de 1831. De origem humilde, formou-se em Medicina, foi funcionário público e jornalista. Quando era diretor da Tipografia Nacional e jornal Correio Mercantil, conheceu o jovem mulato Machado de Assis, a quem ajudou no início da carreira. Morreu novo, quando iniciava o segundo livro e fazia campanha para deputado, em Macaé, a 28 de novembro de 1861.

No jornal, tinha um amigo, Antônio César Ramos, que vivia contando história do tempo em que fora sargento, durante a presença da Corte Portuguesa no Brasil. Manuel A. de Almeida transformou as histórias que ouvia do amigo no seu único romance, **Memórias de um Sargento de Milícias**, crônicas bem humoradas do Rio de Janeiro dos tempos de D. João VI.

O romance, publicado originalmente em folhetins no Correio Mercantil do Rio de Janeiro, entre 1852 e 1853, anonimamente. Ainda quando publicado em dois volumes em 1854, no lugar do autor constava **Um Brasileiro**. Apesar de ser diferente do padrão dos romances em moda na época, fez grande sucesso, para a seguir cair no esquecimento. Estudos do escritor Mário de Andrade e do crítico Antônio Cândido deram à obra a importância merecida, por sua originalidade.

ROMANCE ROMÂNTICO - CARACTERÍSTICAS

No Romantismo, predominou o texto em prosa, de leitura linear, mais ao gosto burguês, que buscou na Leitura mais uma forma de entretenimento, tornando-a hábito do cotidiano de gosto médio. Os gêneros discursivos em prosa cultivados no Romantismo foram o **romance**, gênero mais popular do qual deriva o nome do movimento, a **novela** e o **conto**.

O **Romance**, cuja origem se encontra nos romanceiros medievais, é uma narrativa longa em prosa e um esquema básico na sua construção: apresentação do espaço e do tempo, a seguir dos protagonistas, que se envolvem em um conflito amoroso, com

introdução, complicação, clímax e desfecho. Há, para sustentar o eixo central, personagens e conflitos secundários.

Os personagens do romance romântico são **planos**, idealizados, assim como o sentimento que os move. Representam ou o **arquétipo de comportamento social**, o herói/a heroína burgueses, normalmente médico, advogado, jornalista, ou o **herói nacional**, o representante de um povo, o cavaleiro medieval na Europa, o índio e o sertanejo no Brasil. Os temas desenvolvidos, a linguagem aproximam-se de seu público, identificando-se com o universo dos leitores, trazendo a eles o mundo que eles sonham.

O Romantismo consagrou um dos gêneros mais populares de todos os tempos: o **Romance de Folhetim**, as narrativas publicadas em jornais ou revistas da época. Os folhetins defendem a moral burguesa: família, casamento e trabalho.

O conflito dos folhetins obedece a motivos sociais e ou morais. É envolvente e traz o desfecho aguardado pelo público: feliz, se os personagens seguem o padrão; ou trágico, caso os personagens cometam uma transgressão do padrão burguês de comportamento e mereçam ser punidos. Quando ocorre o *happy end*, normalmente uma **peripécia** o precede, beneficiando os protagonistas. A peripécia consiste em um fato que muda o rumo dos acontecimentos.

No Brasil, os romances românticos dividiram-se em três grupos principais: Romances urbanos, Romances regionalistas e Romances indianistas. Os romances urbanos retratam a vida na Corte durante o Segundo Reinado, os bailes, os saraus, os namoros, a burguesia ociosa, o Cassino Fluminense. Ou seja, os romances urbanos retratavam a vida idealizada pela elite brasileira da época.

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

UM ROMANCE EXCÊNTRICO

Memórias de um Sargento de Milícias representa um momento de ruptura com o modelo de romance romântico, inovando o gênero. Começa pelo recorte histórico e social retratado, as camadas populares do período joanino/1908 a 1821, representando tipos populares, os meirinhos/oficiais de justiça, o Barbeiro, a Parteira, os mulatos, os ciganos, as festas populares. Predomina, portanto, a oralidade da linguagem.

Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo — O canto dos meirinhos...

Memórias de um Sargento de Milícias – p.1, disponível em www.dominiopublico.gov.br.

Não há, pois, a reconstrução idealizada do passado histórico nacional, dando-lhe caráter fantasioso, não se ocupando da criação de mitos, heróis, motivo de orgulho dos leitores, mas sim cenas prosaicas do cotidiano.

O leitor, que sem dúvida sabe muito bem de quanto eram nossos pais crentes, devotos e tementes a Deus, se admirará talvez de ler que houve razões policiais para a extinção de um oratório. Entretanto é isso uma verdade, e se fosse ainda vivo o nosso amigo Vidigal, de quem já tivemos ocasião de falar em alguns capítulos desta historieta, poderia dizer quanto garoto pilhou em flagrante delito, ali mesmo aos pés do oratório, ajoelhado, contrito e beato.

Memórias de um Sargento de Milícias – p.57, disponível em www.dominiopublico.gov.br.

Os personagens não são idealizados e oscilam entre a Ordem e a Desordem, lutando pela sobrevivência, recorrendo ao apadrinhamento, ao jeitinho. A relação amorosa nem sempre objetiva o casamento, como se observa na união dos pais do protagonista, Leonardo Pataca e Maria da Hortaliça. Ela engravida sem casar, comete adultério e abandona o meirinho.

Fora Leonardo algibebe em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. (...) Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia rechonchuda e bonitona. (...) Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. (...) Quando saltaram em terra começou a Maria a sentir certos enjoos: foram os dois morar juntos: e daí a um mês manifestaram-se claramente os efeitos da pisadela e do beliscão; sete

meses depois teve a Maria um filho, formidável menino de quase três palmos de comprido, gordo e vermelho, cabeludo, esperneador e chorão...

Memórias de um Sargento de Milícias – p.4, disponível em www.dominiopublico.gov.br.

Os personagens secundários, quase todos, se enquadram como personagens tipo. Personagem tipo é superficial, caricato, conhecido por traços que identificam um grupo, quase sempre não nominado. São os casos do Padrinho/o Barbeiro, a Madrinha/a Parteira, a Vizinha, a Cigana, a Mulata/Vidinha.

Vidinha era uma mulatinha de 18 a 20 anos, de altura regular, ombros largos, peito alteado, cintura fina e pés pequeninos; tinha os olhos muito pretos e muito vivos, os lábios grossos e úmidos, os dentes alvíssimos, a fala era um pouco descansada, doce e afinada.

Memórias de um Sargento de Milícias – p.87, disponível em www.dominiopublico.gov.br.

O protagonista do romance não é o arquétipo, o modelo de comportamento burguês. Leonardo, o filho, não tem o perfil do herói romântico. É malandro, não luta pela amada e só consegue sucesso na vida pela ajuda dos padrinhos, não por mérito. É, pois, o anti-herói, representante da malandragem e do apadrinhamento como traços de nossa sociedade.

Como sempre acontece a quem tem muito onde escolher, o pequeno, a quem o padrinho queria fazer clérigo mandando-o a Coimbra, a quem a madrinha queria fazer artista metendo-o na Conceição, a quem D. Maria queria fazer rábula arranjando-o em algum cartório, e a quem enfim cada conhecido ou amigo queria dar um destino que julgava mais conveniente às inclinações que nele descobria, o pequeno, dizemos, tendo tantas coisas boas, escolheu a pior possível: nem foi para Coimbra, nem para a Conceição, nem para cartório algum; não fez nenhuma destas coisas, nem também outra qualquer: constituiu-se um completo vadio, vadio-mestre, vadio-tipo.

Memórias de um Sargento de Milícias – p.43, disponível em www.dominiopublico.gov.br.

Não há conflito amoroso intenso, idealizado, que leva a ações heroicas, extremadas. O par amoroso do romance, Leonardo e Luízinha, é atrapalhado. Leonardo representa o malandro, é um anti-herói, aproxima-se dos personagens picarescos da Idade Média. Luízinha não representa a heroína romântica, idealizada, formosa, de personalidade forte.

— *A senhora... sabe... uma coisa?*

E riu-se com uma risada forçada, pálida e tola. Luízinha não respondeu. Ele repetiu no mesmo tom:

— *Então... a senhora... sabe ou... não sabe?*

E tornou a rir-se do mesmo modo. Luízinha conservou-se muda.

— *A senhora bem sabe... é porque não quer dizer...*

Nada de resposta.

— *Se a senhora não ficasse zangada... eu dizia...*

Silêncio.

— *Está bom... eu digo sempre... mas a senhora fica ou não fica zangada?*

Luízinha fez um gesto de quem estava impacientada.

— *Pois então eu digo... a senhora não sabe... eu... eu lhe quero... muito bem.*

Luízinha fez-se cor de uma cereja; e fazendo meia-volta à direita, foi dando as costas ao Leonardo e caminhando pelo corredor. Era tempo, pois alguém se aproximava.

Memórias de um Sargento de Milícias – p.55, disponível em www.dominipublico.gov.br.

RESUMO DO ENREDO

Na primeira cena do romance, o narrador apresenta Leonardo Pataca envelhecido, perdida a agilidade, em um espaço de importância maior no passado, a Praça dos Meirinhos. Esse momento é o tempo da enunciação, da narração dos fatos, o tempo do narrador. A seguir, inicia-se a narrativa, remontando ao tempo do Rio de Janeiro durante a permanência da corte do rei D. João VI. Esse é o tempo do enunciado, dos personagens e das ações, que seguem uma ordem cronológica, iniciando com o nascimento do protagonista, Leonardo, encerrando-se com seu casamento com Luízinha.

Os pais de Leonardo são Leonardo Pataca e Maria da Hortaliça, que se conheceram no navio em que vieram de Portugal. Ele mudou-se para o Brasil para exercer a função de meirinho, oficial de justiça, na Corte de D. João VI; Maria veio para cá por motivos ignorados. No navio, trocaram olhares e, passando por ela, Pataca deu-lhe uma pisadela, e ela respondeu com um beliscão. Era uma forma de estabelecerem intimidades. À noite já estavam íntimos, chegando ao Rio de Janeiro, Maria já sentia enjoos. Foram morar juntos e sete meses depois nasceu o protagonista destas Memórias, Leonardo.

Desde o nascimento, o menino mostrou ao que veio. Inquieto, chorão, não dava sossego. A cena do batizado ilustra esse comportamento. Foram escolhidos como padrinhos o Barbeiro e a Parteira, meio a contragosto do pai, que queria um juiz por saber da importância do apadrinhamento na vida do filho. Durante o batizado, uma festa de músicas e danças, o menino não deu descanso. Em seus primeiros anos, aprontou principalmente com o pai. Este trazia para casa sempre as intimações a seu serviço. O moleque tinha o maior capricho em rasgá-las, provocando a ira do pai que dava na mãe, e esta descontava no menino.

À medida que o menino crescia, cresciam também as dúvidas de Pataca sobre a fidelidade de Maria da Hortaliça, principalmente em relação ao capitão do navio em que vieram. Um dia passou em casa e descobriu o óbvio. Entrou pela porta, e um homem saiu pela janela. Deu uma grande surra na mulher que respondeu com ofensas. Enquanto a mãe apanhava, o menino rasgava os documentos do pai. Após terminar com a mãe, Leonardo Pataca, furioso com o filho, deu-lhe um pontapé, jogando-o na rua. O Barbeiro interferiu, acalmando Pataca e acolhendo o afilhado. Maria foi embora para Portugal com o capitão do navio. Leonardo Pataca, desorientado, deixou o filho aos cuidados do Padrinho.

O Barbeiro também era português e veio parar aqui de forma não muito elogiável. Criado por um homem muito rude em Lisboa, assim que aprendeu o ofício e se tornou adulto, saiu de casa. Recebeu um convite para ser sangrador de um navio negreiro e viajou para a África dali para o Rio de Janeiro. Durante a viagem, conseguiu sucesso sangrando e salvando os escravos que adoeceram. O capitão do navio ficou gravemente enfermo e confiou ao Barbeiro suas economias e o pagamento da viagem, morrendo a seguir. Chegando ao Rio de Janeiro, mal se despediu dos marinheiros e decidiu ficar na cidade, com as economias do capitão, que eram destinadas a uma filha em Lisboa.

O Padrinho carregava um enorme peso de consciência por isso e decidiu compensar o malfeito cuidando de Leonardo, que também era sua primeira relação afetiva. Alheio ao mau comportamento do menino, deixou-o solto, devaneando sobre as possibilidades de seu futuro. Pensava, a princípio, torná-lo padre. Com muito custo, ensinou-lhe as primeiras letras, matriculando-o depois com um mestre rigoroso. Como se comportava na casa do padrinho, Leonardo se comportou na escola. Dois anos de sofrimento, palmatória, pouco aprendizado de leitura e matemática, viu-se livre do mestre, voltando a atormentar a vizinhança. Havia uma vizinha que era sua vítima e inimiga predileta. Ela ria-se dos fracassos do menino.

Leonardo conheceu os ciganos, ficando amigo de dois moleques do grupo e tomou gosto pelas ruas. Passou uma noite em uma festa deles, preocupando o padrinho, mas no meio das aventuras fez nova amizade com o sacristão da Igreja da redondeza. O Padrinho gostou e conseguiu que ele se tornasse também sacristão. Leonardo estava muito feliz, mas o Barbeiro nem suspeitava que o motivo da alegria eram as oportunidades para novas travessuras. Primeiramente, vingava-se da vizinha durante uma novena, queimando incenso em seu rosto enquanto o colega queimava a vela em suas costas. Mais tarde, apronta com o Padre para vingar uma desventura de seu pai.

Leonardo Pataca, após ser abandonado por Maria da Hortaliça, envolveu-se com uma cigana. Não se emendou. Arrumou mais problemas, pois a cigana logo o abandonou. Despeitado, foi a um terreiro fazer um trabalho para ter a cigana de volta. Nesse momento, entra em cena o Major Vidigal, personagem histórico, responsável pela segurança do Rio de Janeiro de D. João VI. O Major era um homem grande, de muita massa, aparência de moleirão, mas de uma agilidade surpreendente e de um rigor extremado. Prende todos os envolvidos no trabalho, reconhecendo o Pataca, em quem deu um sermão.

Leonardo Pataca consegue sair livre com a ajuda do oficial pai do rapaz que desvirtuou Maria da Hortaliça em Portugal. Leonardo, conhecendo a desgraça do pai, descobre que a cigana agora é amante do Padre. O menino se vinga, atrasando a chegada do Padre à festa da Igreja, mas o Padre o expulsa e ele perde a chance de seguir a carreira religiosa para a tristeza do Padrinho. Mais tarde Leonardo Pataca denuncia uma festa dos ciganos ao Major que prende vários envolvidos, dentre eles o Padre.

Mal sucedido na escola, fracassado como sacristão, Leonardo torna-se um rapaz bonito, simpático, mas sem futuro, motivo de preocupação do Padrinho. Este tem uma grande amizade por outra vizinha, Dona Maria, mulher solteira de posses, cujo maior

prazer consiste em tocar demandas. Em uma conversa, a senhora comunica que ganhou a guarda de uma sobrinha do interior e que a moça vem morar com ela. O Barbeiro vislumbra nova oportunidade para o afilhado, o casamento.

O Barbeiro e Leonardo começam a frequentar a casa de Dona Maria. O rapaz não entende o verdadeiro objetivo e se entedia com o fato. Uma noite, a senhora da casa comunica que a sobrinha chegou. Luizinha, a moça, é apresentada e causa impressão péssima. Desajeitada, mal vestida, mal penteada, sem cintura, não fala nada, provoca em Leonardo muito riso assim que saem da casa. O Padrinho observa-lhe, porém, que ele não se esquece da menina, pois ri-se constantemente. Leonardo percebe que a moça mexeu com ele.

O Barbeiro, Dona Maria, Leonardo e Luizinha passam a ter um convívio constante. O rapaz, no entanto, se estressa com a moça, pois esta não demonstra corresponder aos seus olhares. E ela vai se transformando e se revelando cheia de prendas, fato que desperta a atenção de outro pretendente, José Manuel, mais velho, experiente malandro, que decide casar-se com Luizinha, deixando Leonardo desesperado, pois a moça não se decide e o rival tem mais argumentos.

A segunda parte de Memórias de um Sargento de Milícias inicia-se com a trama da Madrinha para tirar José Manuel do caminho de Luizinha, para a menina casar-se com Leonardo. A Madrinha conta a Dona Maria a fuga de uma moça durante a celebração do oratório, sendo o sedutor José Manuel. Dona Maria, como era chegada a demandas, investiga o caso, interpelando o acusado que se vê em situação complicada.

O malandro, porém, consegue reverter a situação, subornando o Mestre de Rezas, um senhor cego que ensinava ladainhas às criadas de Dona Maria. O Mestre de Rezas devia favores a José Manuel e reverte sua situação, abrindo o caminho para o casamento com Luizinha.

Luizinha e José Manuel se casam mais por culpa de Leonardo que como sempre conseguiu tornar uma situação desfavorável em uma derrota certa. Ocorrem dois episódios que mudam a vida do personagem. O Padrinho morre e deixa seu dinheiro para o rapaz em testamento. O pai não confia na responsabilidade do filho e assume a herança. O outro fato é que Leonardo vai morar com o pai, agora homem caseiro, ajuizado, casado com Chiquinha, filha da Parteira.

Leonardo e a madrasta não se entendem, as brigas são constantes. Apesar de ter a Madrinha a seu favor, um dia o pai ameaça com o espadim. Amedrontado, Leonardo sai de casa e perambula pelo Rio de Janeiro. Encontra o sacristão da Sé, Tomás, antigo amigo, acompanhado de duas mulatas em um passeio. Aproxima-se e fica encantado com Vidinha, mulata sensual, alegre e cantora de modinhas. Convidado por Tomás, vai para a casa da mãe das moças, que têm uma terceira irmã já casada e três primos. Todos moram juntos. Leonardo tem agora em mente que mulher é Vidinha e que Luízinha é sem graça. Esta casa-se com José Manuel.

Leonardo se acomoda na casa. Como já é adulto, tem de arrumar uma ocupação, é nomeado agregado de Tomás. Os primos de Vidinha o desmascaram, porque na verdade não tinha função alguma. Consegue um emprego no almoxarifado do Palácio Real, tendo como chefe um homem forte, violento. Leonardo começa a cortejar a mulher de seu chefe, que ao descobrir corre com ele. Sem ocupação volta à vida de vadiagem e é preso pelo Major Vidigal.

A prisão de Leonardo deixa todos preocupados. Para surpresa geral, ela aparece com a farda de soldado. O Major decidiu dar-lhe uma oportunidade. Como sempre, o rapaz se encarrega de estragar as coisas. Havia um grupo de rapazes que todos os anos, na malhação do Judas, encenava a malhação do Major. Leonardo se enturma com o grupo com a finalidade de ajudar o Major a prendê-los. No dia do evento, Leonardo está com o grupo, quando o Major dá voz de prisão. Ao invés de auxiliar seu superior, o rapaz está na representação. Dessa vez é perdoado.

Em outra oportunidade, o Vidigal dá a Leonardo uma missão simples. Ele irá ao batizado de sua irmãzinha. Na festa, estará Totonho, malandro visado há muito pelo Major. Leonardo tem de reconhecê-lo e denunciá-lo quando sair. O rapaz torna-se amigo de Totonho durante o evento e revela-lhe sua real intenção ali. Os dois elaboram um plano para o malandro se safar. Dessa vez, não será perdoado, será expulso e castigado.

É a vez da Madrinha socorrer o rapaz. Aproveitando-se do fato de Dona Maria ter rompido com José Manuel e retomar a simpatia por Leonardo, a Parteira a procura. Dona Maria está em disputa com o marido de Luízinha, que quer o dote da moça. Ela é amiga de Maria Regalada, mulher por quem o Major tem forte paixão. A Madrinha, Dona Maria e Maria Regalada procuram o Vidigal, que se mantém irredutível até o pedido pessoal de Maria Regalada. Leonardo não é expulso e é promovido a sargento granadeiro, encarregado das ruas, à disponibilidade da polícia em tempo integral.

O rapaz agora inicia uma outra vida, mas descobre que falta-lhe o amor. Tem saudades de Luízinha, que está casada com outro. Ocorre então mais uma das muitas peripécias do romance. Peripécia é um recurso que consiste em acontecimento novo que propicia reviravolta no enredo. José Manuel sofre ataque apoplético e morre. Leonardo vai ao velório, elegante, fato que chama a atenção, pois a viúva tem olhos para ele mais que para o morto.

Pouco tempo depois, a Madrinha articula com Dona Maria o casamento de Leonardo e Luízinha. As duas descobrem que os dois namoram há dias e planejam o matrimônio. É o aspecto mais fundamental para que o romance seja classificado como romântico. O final consagra a instituição burguesa do casamento, unindo os personagens que se amam desde os primeiros encontros. Para isso ocorre a última ajuda do Major. Para casar-se Leonardo é transferido para as milícias, saindo das ruas. Agora tem a herança do Padrinho e a mulher de sua vida.

Daqui em diante aparece o reverso da medalha. Seguiu-se a morte de D. Maria, a do Leonardo-Pataca, e uma enfiada de acontecimentos tristes que pouparemos aos leitores, fazendo aqui ponto final.

Memórias de um Sargento de Milícias – p.135, disponível em www.dominiopublico.gov.br.

CONCLUSÕES

Ao construir a narrativa de **Memórias de um Sargento de Milícias** em terceira pessoa, o autor quebra a tradição. Pressupõe-se que as Memórias sejam construídas pelo próprio memorando, no caso Leonardo, o sargento de milícias. O romance apresenta narrador onisciente, porém intruso, pois dialoga constantemente com o leitor, recorre a digressões e à metalinguagem. As memórias da vida no Rio de Janeiro no tempo do rei D. João VI foram relatadas a Manuel Antônio de Almeida pelo sargento de milícias Antônio César Ramos.

Publicado em folhetins, o livro teve grande sucesso. Ao transformar a obra em volumes, vendeu apenas trinta exemplares. Redescoberto durante o Realismo pelo crítico José Veríssimo, o romance foi considerado uma boa ideia, mas mal escrito. O crítico o reescreveu corrigindo os desvios da variedade padrão, transformando a oralidade, grande qualidade da obra em linguagem formal. Era a época do Parnasianismo.

Também destaca-se a classificação do livro como romance picaresco, e Leonardo como pícaro. Picaresca era um tipo de novela da Espanha medieval, em que o protagonista, o pícaro, era um indivíduo que vivia à margem, de pequenos golpes e aventuras. A diferença para o romance de Manuel Antônio de Almeida está no fato de que Leonardo, no final, deixa as aventuras pelo casamento e que não há nele o tom de amargura que marca o pícaro.

Na Primeira Fase Modernista, Mário de Andrade fez importante releitura da obra, observando as qualidades da linguagem, o caráter documental, é um dos primeiros registros da produção musical no Brasil, tanto as modinhas da mulata Vidinha como as manifestações dos barbeiros. Mário de Andrade colocou em relevância também a questão da malandragem.

A emergência da malandragem como opção de vida dos pobres livres no século XIX resulta de um processo histórico que Manuel Antônio de Almeida captou intuitivamente em seu romance. Segundo Antônio Cândido, a narrativa apresenta uma análise crítica e irônica dos costumes morais, por estruturar-se sobre o antagonismo ORDEM x DESORDEM.

A ORDEM representa a sociedade constituída, com regras e normas, aparato legal, instituições, é o universo da classe dirigente. A DESORDEM expressa a sociedade dos estratos médios e populares, para quem as leis e os valores estabelecidos são mais fluidos, menos rigorosos. A malandragem ocupa um lugar intermediário entre os dois hemisférios e acaba dominando o romance porque quase todos os personagens (e não apenas *Leonardo*) vivem nesta esfera ambígua entre a norma moral e a safadeza.

Outro ponto importante do romance é o papel atribuído à figura feminina na obra. A Madrinha, Dona Maria, Vidinha, Maria Regalada e Luizinha, amadurecida pelo casamento, são mulheres fortes, que controlam as ações. Dona Maria e a Parteira exercem o papel importante durante muito tempo em nossa sociedade, o apadrinhamento, acolhendo os afilhados nem que seja com o famigerado jeitinho.

Esses pontos todos fazem de *Memórias de um Sargento de Milícias* o mais singular romance de nosso Romantismo, introduzindo um estilo de prosa urbana, periférica, explorada mais tarde por autores como o maranhense Aluísio Azevedo, os cariocas Lima Barreto e Marques Rebelo e o paulista João Antônio. Por outro lado, o aspecto da malandragem será abordado em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de

Machado de Assis, Macunaíma, de Mário de Andrade, e Galvez, Imperador do Acre, de Márcio Sousa. É, pois, livro que fez História e escola.

Este e outros resumos e análises estão disponíveis em:

www.guiadelinguagens.com.br

Sinval Santana